

A PREVALÊNCIA DO TABAGISMO ENTRE ESTUDANTES DE MEDICINA DO BRASIL: EVOLUÇÃO NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS

THE PREVALENCE OF SMOKING AMONG STUDENTS OF MEDICINE OF BRAZIL: DEVELOPMENTS IN THE PAST TEN YEARS

OTAVIO LEÃO DA SILVEIRA^{1*}, MARIA FERNANDA PIFFER BRESCHILIARE¹, ANGELO CESAR D'URSO PANERARI²

1. Acadêmico do 4º ano de Medicina do Centro Universitário Cesumar; 2. Professor Doutor, Otorrinolaringologista. Docente da disciplina de Habilidades Clínicas no curso de Medicina do Centro Universitário Cesumar.

*Rua Pion. José Lourenço dos Santos, 548-A. Parque da Gávea, Maringá, Paraná, Brasil. CEP: 87053-335.
otaviolsilveira@hotmail.com

Recebido em 20/06/2015. Aceito para publicação em 23/06/2015

RESUMO

O tabagismo é considerado um grave problema de saúde pública, sendo a principal causa de morbimortalidade no mundo por provocar enfermidades evitáveis. O objetivo do estudo foi identificar a prevalência do tabagismo entre os acadêmicos do curso de medicina das faculdades do Brasil. Esse trabalho foi elaborado a partir de uma revisão bibliográfica nas bases de dados Medline, Scielo, Lilacs, Ibesc, Cumed e Bdenf, com artigos publicados no período de 2005 a 2015. Durante a busca foram incluídos os artigos que demonstraram a prevalência do tabagismo entre os acadêmicos do curso de medicina e a prevalência do tabagismo nos estudantes de medicina segundo o gênero. Foram encontrados 393 artigos e selecionados 12 artigos para o trabalho. Os resultados demonstraram uma diminuição da prevalência de tabagismo entre os estudantes de medicina. A prevalência do tabagismo nos estudantes de medicina, segundo o gênero, mostrou uma aproximação das prevalências do tabagismo entre os sexos masculino e feminino. Concluímos que é digno de nota que, no presente estudo, demonstra que a prevalência de tabagismo entre estudantes de medicina esta diminuindo nos últimos dez anos, entre 2005 até o ano de 2015.

PALAVRAS-CHAVE: Prevalência. tabagismo, estudantes de Medicina.

ABSTRACT

The objective of the study was to identify the prevalence of smoking among academics medical course of the faculties of Brazil. This work was elaborated from a bibliographic review

in databases Medline, Scielo, Lilacs, Ibesc, Cumed and Bdenf, with articles published in the period 2005 to 2015. During the pursuit were included the articles that demonstrated the prevalence of smoking among academics medical course and the prevalence of smoking among medical students according to gender. Have been found 393 articles and 12 articles selected for the working. The results of this research on the prevalence of smoking among medical students showed that since 2005 to 2015, has shown that there was an decrease in the prevalence of smoking among medical students. The prevalence of smoking among medical students according to gender showed approximation of smoking prevalences among the both genders. We conclude that it is noteworthy that, in the present study demonstrates that the prevalence of smoking among medical students is decreasing in the last ten years from 2005 to 2015.

KEYWORDS: Prevalence. Smoking. Medical Students.

1. INTRODUÇÃO

Na atualidade o tabagismo é considerado um grave problema de saúde pública, sendo a principal causa de morbimortalidade no mundo por provocar enfermidades evitáveis e incapacidade prematura por seu uso tanto na esfera individual como na área social, comprometendo a saúde das pessoas e como consequência levando a dependência e diversas doenças (SALAZAR, 2014).

A prevalência mundial dos fumantes é cerca de 1,3 bilhão de pessoas com idade igual ou superior a 15 anos, constituindo um terço da população mundial. O consumo no período de um ano é de 7,3 trilhões de cigarros, cerca de 20 bilhões ao dia, que corresponde por 75.000 toneladas de nicotina consumidas ao ano, das quais 200 to-

neladas são diárias. No Brasil a estimativa é de 20,1 milhões de fumantes, e pessoas com idade 18 anos ou superior corresponde a 14,8% da população brasileira que são fumantes, sendo que deste total 18,1% são homens, 12% mulheres e o consumo é de 97 bilhões de cigarros ao ano (BRASIL, 2012).

O Brasil é o maior país da América do Sul, com uma população de aproximadamente 200 milhões de pessoas (IBGE, 2010). A prevalência do tabagismo no Brasil atingiu seu auge na década de 1980 e vem diminuindo significativamente ao longo das últimas duas décadas, principalmente pela adoção de políticas públicas efetivas para diminuir o tabagismo. Inquéritos nacionais que foram realizados em 1989, 2003 e 2008 (ajustados pelas diferenças de amostragem), mostram uma diminuição de quase metade na prevalência de fumantes – de 34,8% em 1989, para 22,4% em 2003, e para 18,2% em 2008 entre adultos (SZWARCOWALD, 2007). A queda do uso de tabaco que ocorreu entre os anos de 1989 a 2008 foi expressivamente maior entre os jovens e para aqueles com mais de nove anos de estudos (SZKLO, 2012).

Resultados obtidos com a pesquisa (PROJETO – ITC, 2014), que foi realizada no ano de 2008 a 2013, sendo que o público alvo de pessoas com idade igual ou superior a 15 anos, mostrou que a média de início ao hábito de fumar, alternava entre 17 e 19 anos. Este estudo também verificou ainda que dentre os fumantes e ex-fumantes diários, a proporção de mulheres que começaram a fumar antes dos 15 anos, era superior à dos homens.

Existem várias formas de se consumir o tabaco, podendo ser ou não produtoras de fumaça, que possui uma ação nociva à saúde, entretanto, todas as formas de sua utilização têm em comum a liberação de nicotina para o sistema nervoso central. Existem diversos tipos de tabaco, como os produtores de fumaça, cigarro, cigarrilha, charuto, cachimbo, cigarro eletrônico, narguilé, bidis e kreteks, dentre outros. Porém, o tabaco não produtor de fumaça, consumido por via oral e nasal, pode ser em pó seco e moído. Em pó úmido, embalado em sachê, mascado ou sugado, observa-se o aumento no uso de cigarros de cravo, bidis e narguilé, no Brasil e no mundo, sendo que este último é preferido pelos adolescentes e sua formulação possui 2% a 4% de nicotina e durante o uso de 50 a 200 baforadas equivalem a fumar 100 cigarros/dia (BRASIL, 2011).

A fumaça vinda do tabaco possui uma mistura de gases e partículas e já foram identificadas mais de 4700 substâncias tóxicas. A nicotina é a substância responsável pela dependência química ao tabaco, sendo que ela é absorvida pela mucosa oral, ou pelos pulmões, e conduzida pela corrente sanguínea até o cérebro, enquanto as demais substâncias tóxicas do tabaco ou são eliminadas pela expiração, rins, pele e intestino. As substâncias químicas, como o formaldeído, alcatrão, nitrosaminas,

presentes na fumaça do tabaco, podem causar, iniciar ou promover o câncer, pois elas alteram o código genético das células (DNA), o que leva ao desenvolvimento do câncer no pulmão, na laringe e em vários órgãos do corpo (BRASIL 2013).

Nesse sentido Santos (2011), o câncer de cabeça e pescoço possui uma incidência de cerca de três por cento das neoplasias nos humanos e ocupa a sexta posição como o câncer mais frequente em todo o mundo, sendo sua maior prevalência em pacientes do sexo masculino. Assim, 40% do câncer de cabeça e pescoço se localizam na cavidade oral, 25% na laringe, 15% na faringe e 20% ocorrem em outros sítios, incluindo as glândulas salivares. Durante a exposição de substâncias tóxicas nas células, principalmente, da boca e faringe, podem ocorrer uma “malignização” dessas células, alterando sua morfologia e causando o aparecimento de células atípicas e displásicas, com alterações genéticas e moleculares, cujo resultado final é uma neoplasia. A probabilidade que essa alteração se transforme em um câncer de boca é de 10 a 25%, principalmente porque muitos desses pacientes mantêm as características anteriores de exposição a agentes carcinogênicos, como o hábito de fumar (SANTOS, 2011).

Além disso, a exposição ao tabaco e a fumaça são considerados como o maior agressor e principal poluente residencial, que agride diretamente o epitélio nasal e pode desencadear e causar a rinite alérgica. A fumaça do cigarro pode provocar alterações no batimento do epitélio mucoso ciliar e causar uma inflamação da mucosa nasal com predomínio de eosinófilos, levando a sintomatologia como coriza, espirros, prurido nasal, rinorréia e obstrução nasal não alérgica, principalmente nas crianças e nos fumantes passivos (SOLÉ, 2012).

Nesse contexto, emergiram políticas públicas com o objetivo de diminuir consumo do tabaco na tentativa de conscientizar a população. No Brasil, ao longo dos anos de 1970 e 1980, as campanhas de controle do tabagismo foram realizadas pelas sociedades médicas e alguns gestores, sendo que a primeira legislação a promover ambientes livres de fumo no local de trabalho, foi aprovada em 1988, que afirma que “A saúde é um direito de todos e um dever do Estado”. No ano 1996 foi aprovada a Lei n.º 9.294, que proíbe o uso de todos os produtos de tabaco em locais públicos e privados como todos os ambientes públicos como ambiente hospitalares, em salas de aula e bibliotecas (PROJETO – ITC, 2014).

Em 2011 foi aprovada uma lei nacional de ambientes livres do tabagismo, não permitindo mais a existência de áreas internas designadas para o tabagismo. Devido a sua importância para a saúde pública, o hábito de fumar constitui-se uma causa evitável de perdas de vida. Para isso existe campanhas de advertência utilizadas na prevenção nos maços de cigarro e do controle das propagandas pela ANVISA, em parceria com o Instituto Na-

cional do Câncer (INCA, 2011), na tentativa do controle precoce do tabagismo (PROJETO – ITC, 2014).

Em decorrência do impacto social e econômico do tabagismo na sociedade atual, existe uma crescente preocupação em se tentar abolir ou reduzir o consumo de tabaco. Desta forma, observamos a necessidade de identificar a prevalência de acadêmicos fumantes no curso de medicina no Brasil.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Esse trabalho foi elaborado a partir de uma revisão bibliográfica nas bases de dados Medline, Scielo, Lilacs, Ibesc, Cumed e Bdenf, com artigos publicados no período de 2005 a 2015. As palavras-chave utilizadas foram “prevalência”, “tabagismo” e “estudantes de medicina” e suas correspondentes em inglês, “prevalence”, “smoking” e “medical students”. Durante a busca foram incluídos os artigos que demonstraram: **a)** prevalência do tabagismo entre os acadêmicos do curso de medicina; **b)** prevalência do tabagismo nos estudantes de medicina segundo o gênero.

Foram critérios de exclusão os artigos publicados antes de 2005 e os que não referiam à prevalência do tabagismo, entre os acadêmicos de medicina. Durante a pesquisa de todas as bases de dados, foram encontrados 393 artigos. Após a leitura dos títulos e resumos dos artigos, verificou-se que alguns deles se repetiram nas diferentes bases e outros não preenchiam os critérios deste estudo. Foram selecionados 12 artigos para o trabalho que continham os critérios inicialmente propostos e que foram lidos na íntegra e excluídos os que não diziam respeito ao propósito deste estudo.

Resultados da busca nas bases de dados entre os anos de 2005 a 2015, e seleção de artigos pertinente ao estudo (Tabela 1). No ano de 2014 e 2015 não foi encontrado nenhum trabalho nas diversas bases de dados sobre a prevalência de tabagismo entre estudantes de medicina.

Tabela 1: Bases de dados

Base de Dados	Total	Aceitos
MEDLINE	300	6
SCIELO	46	2
LILACS	36	2
IBECS	6	1
CUMED	3	1
BDENF	1	0
TOTAL	393	12

O objetivo deste estudo foi apresentar e discutir os achados da literatura referentes à prevalência de do tabagismo entre acadêmicos do curso de medicina, através de estudos originais (Tabela 1). Neste contexto, os artigos foram lidos, selecionados, criteriosamente, e agrupados em duas categorias:

a) prevalência do tabagismo entre os acadêmicos do

curso de medicina;

b) prevalência do tabagismo nos estudantes de medicina segundo o gênero.

3. DESENVOLVIMENTO

O primeiro estudo sobre a prevalência de tabagismo entre acadêmicos de medicina foi o estudo de Zettlee *et al.* (2005), que analisou a prevalência do tabagismo entre acadêmicos de Medicina da ULBRA-RS no ano de 2005, cuja pesquisa contou com 300 alunos, do segundo ao nono semestre do curso de Medicina da ULBRA-RS, com 165 (55%) do sexo feminino e 135 (45%) do sexo masculino. Destes, 56 (18,7%) se declararam fumantes e 244 (81,3%) não-fumantes. Dentre os não-fumantes, no momento da entrevista, 22 alunos relataram terem sido fumantes regulares no passado, sendo classificados como ex-fumantes, o que correspondeu a 7,3% do total da amostra. Em relação a prevalência do tabagismo, segundo ao gênero, 25 (44,6%) eram do sexo masculino e 31 (55,3%) feminino.

Ferreira *et al.* (2006) realizou um estudo transversal entre os estudantes do sexto ano de medicina na Fundação Educacional Serra dos Órgãos em Niterói-RJ (UNIFESO), do primeiro trimestre do ano de 2006, com 134 estudantes 84 (62,7%) eram do sexo masculino e 50 (37,3%) do sexo feminino, com média de idade de 24 a 45 anos (mínima de 21 e máxima de 42 anos). Com relação ao hábito tabágico, 92 (68,7%) eram não fumantes, 18 (13,4%) eram ex-fumantes e 24 (17,9%) eram fumantes. Observou-se uma distribuição de frequência semelhante nos grupos, em relação ao sexo.

Lemos *et al.* (2007) realizou-se um estudo epidemiológico de corte transversal, em uma amostra aleatória de estudantes de Medicina das escolas médicas de Salvador-BA. O tamanho da amostra foi calculado, considerando-se um total de 432 estudantes. O estudo revelou que 59 estudantes (14,8%) eram tabagistas. Esse trabalho não demonstrou a prevalência de tabagismo, segundo ao gênero.

Almeida *et al.* (2008) em um estudo transversal, incluídos na pesquisa 400 estudantes do curso de Medicina, sendo 200 da Universidade do Estado do Pará-PA (UEPA) e 200 da Universidade Federal do Pará-PA (UFPA), evidenciou quanto ao tabagismo: 18,5% dos estudantes fumam e, destes, 52,7% têm de 21 a 24 anos e 64,7% são homens, 35,3% são mulheres.

Ainda no ano de 2008, Magliari *et al.* (2008), realizou-se uma pesquisa com estudantes de medicina do 1º ao 5º ano da Faculdade de Medicina da Universidade de Santo Amaro-SP (UNISA), em janeiro de 2008. Em um universo de 302 estudantes, 241 (79,8%) participaram da pesquisa. Os alunos do 6º ano não foram incluídos no estudo devido a pouca adesão, 6 em um total de 75 estudantes. Dos 241 estudantes, sendo estes 164 do sexo feminino (68,8%) e 77 do sexo masculino (31,2%), encontrou-se uma incidência média de 17,8% de fumantes

cuja idade média foi de 21,6 anos e tempo médio de consumo de tabaco de 5,9 anos. Observou-se que a incidência de tabagismo entre os indivíduos do sexo feminino é de 60,5% enquanto que, no sexo masculino, este valor é de 39,5%.

Nesse mesmo contexto, Bertoldi (2008), em um estudo transversal de base populacional realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis (UFSC), a amostra foi composta por alunos matriculados no 3º ano (5º e 6º períodos) dos cursos de Medicina, Enfermagem, Farmácia e Odontologia. Participaram 95 alunos do curso de Medicina, sendo que entre os estudantes de Medicina da UFSC, 14,7% consomem cigarro regularmente.

Pereira *et al.* (2008), cuja pesquisa foi realizada no Curso de Medicina do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da UFES/ES, sendo o estudo de desenho transversal, quantitativo, exploratório e descritivo. A população do estudo foi constituída de estudantes matriculados no referido curso, nos 12 períodos acadêmicos, totalizando 501 alunos. Entretanto, como a coleta de dados foi realizada com todos os alunos que estavam presentes em sala de aula, no dia da aplicação do instrumento e que aceitaram participar da pesquisa, a amostra final foi constituída de 168 estudantes. Foi demonstrado que a prevalência de tabagismo foi de 10,7% com total de 37 estudantes tabagistas, em relação ao gênero, 19 homens (51,3%) e 18 mulheres (48,7%).

Stramariet *et al.* (2009) pesquisou sobre a prevalência do tabagismo entre estudantes de medicina de uma Universidade em Passo Fundo-RS (UPF), no ano de 2009. Seguindo recomendações da OMS, os estudantes foram classificados em quatro categorias: (1) fumantes diários, (2) fumantes ocasionais, (3) ex-fumantes e (4) não-fumantes. Fumantes diários eram aqueles que fumavam, pelo menos, um cigarro por dia; fumantes ocasionais eram aqueles que não fumavam diariamente; ex-fumantes eram aqueles que, após terem sido fumantes, deixaram de fumar há pelo menos um mês; e não-fumantes eram aqueles que nunca fumaram ou fumavam há menos de 1 mês. A pesquisa foi direcionada para um total de 320 alunos matriculados na Faculdade de Medicina, 316 (98,75%) responderam o questionário, sendo 46,5% homens e 53,5% mulheres. Observou-se que 16,5% (52) dos acadêmicos eram fumantes, sendo 5,4% fumantes diários e 11,1% fumantes ocasionais, com 3,5% de ex-fumantes. Com relação ao gênero 34 fumantes masculinos (65,4%) e 18 fumantes femininos (34,6%).

Um estudo sobre prevalência tabagismo, realizado entre os estudante de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais-MG (UFMG), foi de Petroianuet *et al.* (2010), cujo a pesquisa contou com 332 alunos, sendo 172 (51,8%) mulheres e 160 (48,8%) homens. Do total, 54 (16,3%) dos estudantes faziam consumo de tabaco,

sendo que 38 (11,5%) consumiram poucas vezes no último ano, 5 (1,5%) pelo menos uma vez por semana e 11(3,3%) diariamente. Em relação a prevalência do tabagismo, segundo o gênero, 70% eram homens e 30% mulheres.

Botelho *et al.* (2011), em estudo transversal realizado nos municípios de Cuiabá e Várzea Grande (MT), com universitários dos cursos da área da saúde, apresentava 72 alunos de Medicina. A maioria dos participantes era do sexo feminino (76%). A prevalência de fumantes foi de (17,4%) e de não fumantes (71,23%), entre estudantes da área da saúde.

Tabela 2: Prevalência do tabagismo entre os estudantes de Medicina no Brasil

Autor/Ano	População estudada	Instituição Ensino/Estado	Número de alunos	Coleta de Dados	Prevalência
Ettleee <i>et al.</i> (2005)	Alunos, do 2º ao 9º semestre	ULBRA-RS	300	Questionários	18,7%
Ferreira <i>et al.</i> (2006)	Estudantes do 6º ano de medicina	UNIFESO-RJ	134	Questionários	17,9%
Lemos, <i>et al.</i> (2007)	Estudantes de todas as séries	Escolas médicas de Salvador-BA	432	Questionários	14,8%
Almeida <i>et al.</i> (2008)	Estudantes de todas as séries	UEPA-PA	400	Questionários	18,5%
Magliariet <i>et al.</i> (2008)	Estudantes de medicina do 1º ao 5º ano	UNISA-SP	302	Questionários	17,8%
Pereira <i>et al.</i> (2008)	Matriculados no referido curso nos 12 períodos acadêmicos	UFES-ES	501	Questionários	10,7%
Bertoldi (2008)	Estudantes 3º ano (5º e 6º períodos)	UFSC-SC	95	Questionários	14,7%
Stramariet <i>et al.</i> (2009)	Estudantes de todas as séries	UPF-RS	320	Questionários	16,5%
Petroianuet <i>et al.</i> (2010)	Estudantes de todas as séries	UFMG-MG	332	Questionário	16,3%
Botelho <i>et al.</i> (2011)	Estudantes de todas as séries	Faculdade de Medicina Cuiabá e Várzea Grande-MT	72	Questionário	17,4%
Marin <i>et al.</i> (2012)	Estudantes de todas as séries	UNIMAR-SP	400	Questionário	17,4%
Chehuenet <i>et al.</i> (2013)	Estudantes de todas as séries	UFJF-MG	324	Questionário	12%

Na pesquisa a respeito do tabagismo por Marin *et al.* (2012), em uma universidade do interior paulista – UNIMAR/SP, foram entrevistados 400 alunos do curso de Medicina. Dentre esses, 67 (17,7%) declararam-se fumantes. É possível verificar que entre os fumantes 36 (53,7%) são do sexo masculino e 31 (46,3%) do sexo feminino. Em meio aos estudantes, observa-se ainda que, 39 (58,2%) têm vontade de parar de fumar e 43 (64,2%) já tentaram parar. Ao analisar o grau de dependência, segundo o teste de Fargestrom, verificou-se que 34 (50,7%) apresentam grau de dependência muito baixa, 15 (22,4%) apresentam grau de dependência baixa e 7 (10,4%) dependência média.

Por fim o estudo feito por Chehuen *et al.* (2013) possuiu uma amostra composta por acadêmicos de cinco

turmas do curso Médico da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG (UFJF), totalizando 324 estudantes, sendo 187 mulheres (57,7%) e 137 homens (42,3%). Dos estudantes que participaram da pesquisa, 157 (48,4%) declararam já ter experimentado cigarro. Dos que já experimentaram cigarro, 79 (50,3%) são do sexo feminino e 78 (49,7%) do sexo masculino. Quanto a frequência do consumo, nos últimos 30 dias, para todos os entrevistados, foi apresentado que em 0 dias houve um total de 285 (88%) alunos; de 1 ou 2 dias foram 15 (4,6%) alunos; de 3 a 5 dias foram 7 (2,2%) alunos; de 6 a 9 dias foram 3 (0,9%) alunos; de 10 a 19 dias foram 3 (0,9%) alunos; de 20 a 29 dias foram 6 (1,9%) alunos e todos os 30 dias foram 5 (1,5%) dos alunos, com prevalência de 12% de tabagismo.

Tabela 3: Prevalência do tabagismo nos estudante de medicina segundo o gênero

Autor/Ano	População estudada	Instituição Ensino/Estado	Número de alunos	Gênero	Prevalência
Zettleet <i>et al.</i> (2005)	Alunos, do 2º ao 9º semestre	ULBRA-RS	300	Masculino Feminino	46,6% 55,3%
Ferreira <i>et al.</i> (2006)	Estudantes do 6º ano de medicina	UNIFESO-RJ	134	Masculino Feminino	50% 50%
Lemos <i>et al.</i> (2007)	Estudantes de todas as séries	Escolas médicas de Salvador-BA	432	Masculino Feminino	S/I S/I
Almeida <i>et al.</i> (2008)	Estudantes de todas as séries	UEPA-PA	400	Masculino Feminino	64,7% 35,3%
Magliari <i>et al.</i> (2008)	Estudantes de medicina do 1º ao 5º ano	UNISA-SP	302	Masculino Feminino	39,5% 60,5%
Pereira <i>et al.</i> (2008)	Matriculados no referido curso nos 12 períodos acadêmicos	UFES-ES	501	Masculino Feminino	51,3% 48,7%
Bertoldi (2008)	Estudantes 3º ano (5º e 6º períodos)	UFES-ES	501	Masculino Feminino	S/I S/I
Stramariet <i>et al.</i> (2009)	Estudantes de todas as séries	UPF-RS	320	Masculino Feminino	65,4% 34,6%
Petroianuet <i>et al.</i> (2010)	Estudantes de todas as séries	UFMG-MG	332	Masculino Feminino	70% 30%
Botelho <i>et al.</i> (2011)	Estudantes de todas as séries	Faculdades de Medicina Cuiabá e Várzea Grande-MT	72	Masculino Feminino	S/I S/I
Marin <i>et al.</i> (2012)	Estudantes de todas as séries	UNIMAR-SP	400	Masculino Feminino	53,7% 46,3%
Chehuenet <i>et al.</i> (2013)	Estudantes de todas as séries	UFJF-MG	324	Masculino Feminino	49,7% 50,5%

S/I: Sem Informações

Prevalência do tabagismo entre os acadêmicos do curso de medicina

Os resultados desta pesquisa sobre a prevalência do tabagismo entre acadêmicos de medicina entre o ano 2005 até 2015 (Tabela 2) demonstraram que ocorreu uma diminuição da prevalência de tabagismo entre os estudantes de medicina. A prevalência de fumantes, encontrada nos universitários estudados foi de 18,7% no ano de 2005 e de 11,5% no ano 2014 evidenciando que a prevalência de tabagismo entre os acadêmicos de medicina

esta diminuindo, sendo que a menor prevalência nos trabalhos analisados foi de 10,7% e a maior de 18,7%.

Em comparação com a população geral, o estudo Vigitel – Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (BRASIL, 2006), cuja população monitorada são adultos (>= 18 anos), residentes em domicílios com telefone fixo, nas capitais dos 26 estados brasileiros e DF, demonstrou que a prevalência no ano de 2006 foi de 16,2%. Ferreira *et al.* (2006) realizou um estudo no mesmo ano entre os estudantes do sexto ano de medicina na Fundação Educacional Serra dos Órgãos em Niterói-RJ (UNIFESO), com 134 estudantes, sendo que 24 (17,9%) eram fumantes. Demonstrando neste ano uma preocupante maior prevalência dos estudantes de medicina em relação a população geral.

No último inquérito nacional sobre prevalência de tabagismo na população geral, publicado no ano de 2013, Vigitel (BRASIL 2013), demonstrou que o conjunto dos 27 estados, a prevalência de adultos fumantes foi de 11,3%. Em comparação com o estudo feito por Chehuenet *et al.* (2013), por uma amostra composta por acadêmicos de cinco turmas, do curso de medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG (UFJF), totalizando 324 estudantes com prevalência de 12% de tabagismo, caracterizando uma maior prevalência do tabagismo entre estudantes de medicina em relação a população geral.

A prevalência do tabagismo nos estudante de medicina segundo o gênero

Dentre os fumantes, dados do Ministério da Saúde, revelam declínio da prevalência do tabagismo em ambos os sexos no período de 2006 até 2012 (SALEM *et al.*, 2012). O referido inquérito também mostrou aproximação das prevalências do tabagismo entre os sexos masculino e feminino.

Do mesmo modo, os trabalhos analisados (Tabela 3), foram verificados valores de prevalência aproximados entre os homens e mulheres e em alguns trabalhos evidencia uma maior prevalência no sexo feminino.

Machado *et al.* (2009), em seu trabalho, refere às prevalências do tabagismo, ponderadas e padronizadas pela idade e pelo sexo, em função dos anos de escolaridade com aproveitamento, verificou-se que, nos homens com menos de cinco anos de escolaridade, a prevalência de consumo (32,5%) foi superior à encontrada nos homens com mais de doze anos de escolaridade (24,1%). No sexo feminino, pelo contrário, as mulheres com menos de cinco anos de escolaridade apresentaram uma prevalência de consumo (7,3%) inferior à encontrada nas mulheres com mais de doze anos de escolaridade (14,5%), constatando quanto maior a escolaridade refe-

rente ao sexo feminino maior é a prevalência sobre o consumo de tabaco.

4. CONCLUSÃO

Concluimos que é digno de nota que, no presente estudo, demonstra que a prevalência de tabagismo entre estudantes de medicina esta diminuindo nos últimos dez anos, entre 2005 até o ano de 2015, mas existe um aumento da prevalência do tabagismo entre os estudantes de medicina sobre a população geral. Com isso as escolas médicas têm uma responsabilidade ética não só de educar, mas também de aumentar a conscientização sobre os riscos à saúde e oferecer tratamento para proteger a saúde de seus alunos.

Apesar de a prevalência do tabagismo nos homens ainda ser maior do que a das mulheres, na maioria dos trabalhos analisado, o número de mulheres fumantes vem aumentando consideravelmente. Assim como nos países desenvolvidos, a tendência da prevalência de fumo entre os homens vem mostrando algum decréscimo, o que não está ocorrendo com as mulheres.

Considerando ser pressuroso a necessidade de os profissionais de medicina atuarem para a redução do tabagismo e que esses devem dar o exemplo aos demais indivíduos na conscientização dos males do tabagismo, pois é preocupante essa prevalência encontrada. Para que a redução do tabagismo seja feita com maior segurança, acadêmicos de medicina, além da consciência do malefício a que estão sujeitos, é imperativo que os mesmos deixem de ser fumantes, para adequar o seu discurso à prática diária.

Esse estudo fornecerá aos órgãos responsáveis subsídios que os possibilitem criar políticas públicas visando a promoção a saúde e estimular os acadêmicos a desenvolverem hábitos de vida saudáveis.

REFERÊNCIAS

- [1] ALMEIDA, D. V. *et al.* Fatores desencadeantes ao uso de álcool e tabaco entre os estudantes de medicina em Belém do Pará. *Rev. Para. Med.*, Belém, v. 22, n. 1, mar. 2008.
- [2] BERTOLDI, S.Q. Perfil e prevalência do tabagismo em estudantes de cursos da área da saúde da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008. 45 p. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/119445/255559.pdf?sequence=1>>. Acesso em 07 de junho de 2015.
- [3] BOTELHO, C. *et al.* Tabagismo em universitários de ciências da saúde: prevalência e conhecimento. *J Bras Pneumol.*, São Paulo, v.37, n.3, p. 360-6, 2011.
- [4] BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Vigitel Brasil 2006: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico* / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2006.
- [5] BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Gestão estratégica e Participativa. *Vigitel, Brasil 2011: doenças crônicas por inquérito telefônico*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2011.
- [6] BRASIL. Ministério da Saúde. Associação Médica Brasileira. Projeto e Diretrizes. *Evidências Científicas sobre Tabagismo para Subsídio ao Poder Judiciário*. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva Aliança de Controle do Tabagismo. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013.
- [7] BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Vigitel Brasil 2012: Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013.
- [8] BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Vigitel Brasil 2013: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico* / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014.
- [9] FERREIRA, A.C. *et al.* Prevalência e características do tabagismo nos estudantes do sexto ano de medicina da Fundação Educacional Serra dos Órgãos. *Pulmão*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 161-5, 2006.
- [10] IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em 7 de junho de 2015
- [11] INCA. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. Comissão Nacional para a Implementação da Convenção. *Quadro para o Controle do Tabaco e de seus Protocolos. Aditivos em cigarros*. Rio de Janeiro: Inca, 2011.
- [12] LEMOS, K.M. *et al.* Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de Medicina de Salvador (BA). *Rev. Psiq. Clín.*, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 118-124, 2007.
- [13] MACHADO A.; NICOLAU R.; DIAS C M. Consumo de tabaco na população portuguesa: análise dos dados do Inquérito Nacional de Saúde 2005/2006. Lisboa: Departamento de Epidemiologia. Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge, 2009.
- [14] MAGLIARI, R.T. *et al.* Prevalência de tabagismo em estudantes de faculdade de medicina. *Rev Med, São Paulo*, v. 87, n. 4, p. 264-71, out./dez. 2008.
- [15] MARIN, N. S. *et al.* Tabagismo: caracterização do grau de dependência entre estudantes de medicina. *Revista Baiana de Saúde Pública*, Salvador, v. 36, n. 2, p.408-17, 2012.
- [16] CHEHUEN, J. A. C. *et al.* Estudantes de medicina sabem cuidar da própria saúde?. *HU Revista*, Juiz de Fora, v. 39, n. 1 e 2, p. 45-53, 2013.
- [17] PEREIRA D.S. *et al.* Uso de substâncias psicoativas entre universitários de medicina da Universidade Federal do Espírito Santo. *J Bras Psiquiatr.*, Rio de Janeiro, v. 57, n. 3, p.188-95, 2008.
- [18] PETROIANU, A. *et al.* Prevalência do consumo de álcool, tabaco e entorpecentes por estudantes de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. *Rev Assoc Med-Bras*, Belo Horizonte, v. 56, n. 5, p. 568-71, 2010.
- [19] PROJETO ITC. Projeto Internacional de Avaliação de Políticas de Controle do Tabaco (ITC-BRASIL). *Resultados das Ondas 1 e 2 da Pesquisa (2009-2013)*. Univer-

- cidade de Waterloo, Waterloo, Ontário, Canadá; Ministério da Saúde, Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA); Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD); Fundação do Câncer; Aliança de Controle do Tabagismo (ACTbr); e Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Centro de Estudos sobre Tabaco e Saúde (CETAB), 2014.
- [20] SALAZAR, P. R. O uso do tabaco entre trabalhadores técnicos administrativos em educação de uma universidade pública do Estado de Minas Gerais. 2014. 135 f. Dissertação (Mestrado em saúde) - Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.
- [21] SALEM, S et al. Changes in cigarette consumption patterns among Brazilian smokers between 1989 and 2008. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro-RJ, v. 28, n. 11, p. 2211-5, 2012.
- [22] SANTOS, F. D. *et al.* Expressão da p53 no tumor e no epitélio oral em pacientes com câncer de boca e faringe. *Arquivos Int. Otorrinolaringol.* (Impr.), São Paulo, v. 15, n. 1, p. 8-21, mar. 2011.
- [23] SOLÉ, D.; SAKANO, E..Brazilian Journal of Otorhinolaryngology. In:CONSENSO BRASILEIRO SOBRE RINITES, 3. 75 (6) nov./dez. 2012.
- [24] STRAMARI, L.M. *et al.* Prevalência e fatores associados ao tabagismo em estudantes de medicina de uma universidade em Passo Fundo (RS). *J. bras. pneumol.*, São Paulo , v. 35, n. 5, p. 442-8, maio 2009 .
- [25] SZWARCOWALD, C.R. Population-based evidence of a strong decline in the prevalence of smokers in Brazil (1989–2003). *Bull World Health Organ*, v, 85, n. 7, p.527-34, 2007.
- [26] SZKLO, W.*et al.* A snapshot of the striking decrease in cigarette smoking prevalence in Brazil between 1989 and 2008. *PrevMed*, v. 54, n. 162-167, 2012.
- [27] ZETTLER, E.W. *et al.* Prevalência do tabagismo entre estudantes de Medicina e fatores de risco associados. *Revista AMRIGS*, Porto Alegre, v. 49,n. 1, p. 16-9, jan./mar. 2005.